

Balaio de gatos

1.6 NOV 1996

Os aliados governistas no Senado estão em ruidosa rota de colisão. Não há, até aqui, a mais remota perspectiva de entendimento em torno da luta pela presidência da Casa. O cargo está sendo disputado por alguns dos mais influentes aliados do governo: Antônio Carlos Magalhães (BA), Elcio Álvarez (ES) e Hugo Napoleão (PI), do PFL; e Jáder Barbalho (PA) e Íris Resende (GO), do PMDB.

Esse conflito é apenas uma pequena amostra das dificuldades políticas que o governo terá que contornar para garantir apoio de seus aliados na hora de retomar as reformas e votar a emenda da reeleição. O senador Jefferson Péres (PSDB-AM), aliado, sentencia: "Envolvendo-se ou não na disputa, o governo pagará o ônus do conflito. O lado perdedor o acusará de ter apoiado o vencedor".

Na Câmara, com pequenas variações, o quadro se reproduz. Para contornar essa sinuca de bico, a receita aviada pelo governo inspira-se num dos clássicos do fisiologismo político nacional: a refor-

ma do ministério. O presidente Fernando Henrique tem sido reticente nessa questão, o que é compreensível. Um de seus compromissos de campanha (e de biografia) é com a renovação de práticas políticas — e está sendo obrigado a profaná-lo, mais uma vez.

Em termos práticos, o presidente não tem para onde correr. As alianças que selou — e com as quais se elegeu — não lhe dão alternativas. Se nada fizer, verá seu governo sucumbir em meio a disputas dentro de sua base de apoio. Se quiser evitá-lo, a saída é esta mesmo: redistribuir espaços de poder. É a linguagem de seus aliados.

Um dos desafios mais problemáticos é o PPB, de Paulo Maluf, empurrado para a oposição no curso da campanha das eleições municipais de São Paulo. Maluf promete engajar-se contra a reeleição e admite integrar frente política dos principais adversários da causa — Itamar Franco, Brizola e Lula. O presidente do PPB, Espiridião Amin, quer que o partido rompa com o governo

e comprometa-se em derrubar a reeleição.

São protestos mais adjetivos que substantivos e que, aparentemente, apenas preparam terreno para a reforma ministerial. Esses os problemas que o presidente terá que administrar daqui por diante. São subprodutos inevitáveis da aliança eclética e voraz que selou, posta diante de um ambicioso projeto de continuidade no poder.

Números — O presidente do Banco Central, Gustavo Loyola, acaba de prever que o país crescerá apenas 5% ano que vem. Ou ele não crê na reeleição de Fernando Henrique ou diverge de sua colega, Antônio Kandir, ministro do Planejamento, sobre os efeitos benéficos de um novo mandato presidencial na economia. Ou ambas as coisas. Kandir, como se sabe, previu, por ocasião de reunião do FMI e do Banco Mundial, em Washington, há um mês, que, aprovada a emenda da reeleição, o crescimento da economia ultrapassaria os 9%. A divergência é de quase 100%.

CORREIO BRASILENSE